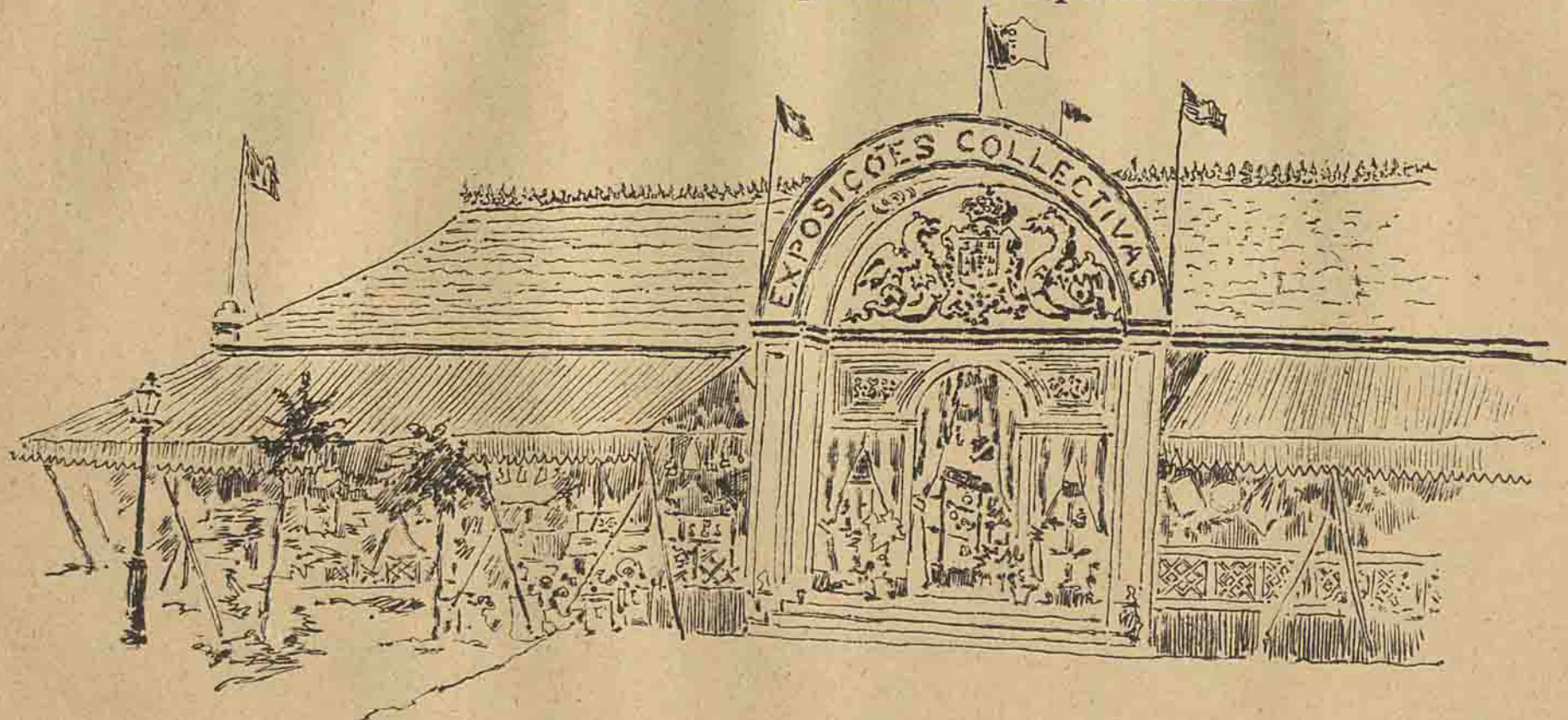


EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

Fachada principal do pavilhão Príncipe da Beira



Os *Pontos nos II* que, como jornal de critica, tem no seu programma não só a reprimenda para o que é mau como o estímulo para o que é bom, entenderam que lhe còrria o dever de registrar nas suas paginas, o mais meudamente possível, a historia illustrada d'esse bello certamen industrial e agricola que tão boa vontade e tantos sacrificios representa—para afinal não encontrar em grande parte do publico o entusiasmo e acolhimento que fôra de esperar.

Faltava-nos dar os *croquis* de algumas principaes instalações e por isso resolvemos consagrar hoje a esses *croquis* as paginas geralmente destinadas aos assumptos cómicos da semana. Democrito que tenha paciencia, porque a Arte, a Industria e a Agricultura tambem são gente.

Por ahí...



O sr. D. Luiz, apesar de ser tratado exclusivamente por medicos allopathas, resolveu terminar a sua convalescença pelo systema homeopatico.

Foi n'uma viagem que sua magestade contrahiu essa doença, que lhe tem dado agua pela barba—doença generosissima, mais generosa ainda de

que o sr. conde de Franco, se a compararmos com o dr. Pinto Coelho, que não dá agua a pessoa alguma nem pela sola do pé quanto mais pela barba;—foi n'essa viagem, diziamos, que sua magestade contrahiu essa doença com que tem tido para peras; e é lançando mão d'outra viagem que o monarcha espera convalescer totalmente e voltar são como o marido das referidas peras—isto é: são como um pero.

Foi d'uma viagem que veio o mal; seja d'uma viagem semelhante que venha a cura: *simila cum similibus curantur.*



Com a saída do sr. D. Luiz para o estrangeiro foram entregues as redecas do governo e as chaves da governança ao príncipe presumpto, que d'esta forma ficou sendo um *presumpto de chaves*—o melhor que ha em presuntos, sem menoscabo para os funciões de Lamego.

E' preciso que sua magestade el-rei confie extraordinariamente na illustração, no tino, e sobretudo na mão de redea do seu augusto primogenito, para não duvidar confiar-lhe as redecas do governo n'este momento, aliás perigosissimo, em que cada membró do dito governo foge para seu lado: o sr. José Luciano para a Figueira, o sr. Navarro para o Luso, o sr. de S. Januario para Braga, o sr. Beirão para as Caldas, e os outros srs. não sei para onde!



Ha dois ou tres dias referiram os jornaes o caso de se haverem desbocado os cavallos que tiravam um carro guido pela rainha da Hollanda a qual rainha talvez houvesse morrido desastrosamente se não fôra a intrepidez d'um popular que se atirou á frente dos cavallos, obrigando-os a estacar na carreira.

Ora quando uma rainha, com pratica de governar um reino, não consegue governar apenas dois cavallos, como hade um príncipe, ainda inexperiente n'aquelle genero de governação, governar seis ministros todos com a cabeça perdida pelo freio nos dentes da villegiatura?

Só se algum popular intrepido saltar á frente dos ministros—o que não será muito natural, por isso que, entre nós, o que é uso é os ministros saltarem á frente do povo, armados do trabuco da contribuição na azinhaga das repartições de fazenda...



E, a proposito da dedicacão do tal popular hollandez pela pessoa da sua rainha, vem a pello fazer sentir a sua alteza o sr. D. Carlos que o popular portuguez não dá grande consumo ás coisas da hollanda—com excepção da genebra Focking...

Vossa alteza tem um decidido empenho, eu bem o sei, em conquistar a popularidade e d'isso tem dado manifestas provas frequentando assiduamente os logares mais publicos, visitando as exposições, assistindo ás toiradas, passeiando emfim por essas ruas desprentenciosamente, cremos até que, algumas vezes, acompanhado apenas por um ajudante de ordens, como qualquer particular que ande arejando o corpo na companhia d'um amigo.



Ora ahí é que está o erro de vossa alteza, erro que eu me proponho corrigir e sem lhe levar vintem, o que—confesse vossa alteza—jámais lhe succedeu, nem com o professor que lhe corrigiu os riscos e as ligações da sua embryonaria e real caligraphia.

Se vossa alteza está persuadido de que a popularidade e conquistas por essas ruas, distribuindo barretadas á direita e á esquerda, e insiste n'esse processo, creia que perde o tempo e desperdiça muita somma de meias corôas em abas de chapéus.

Diz a sabedoria das nações que «quem não vê o rei julga-o de oiro» e vossa alteza comprehenderá como todos os reis seriam estimados e respeitados do seu povo, logo que conseguissem que ninguem lhes pozesse a vista em cima.

Portanto, quando uma pessoa real começa a mostrar-se ao povo a cada passo, a conviver com elle, a dirigir-lhe a palavra, o povo vac por seu turno ganhando confiança com a pessoa d'essa pessoa real, a chegar-se, a metter palestra, e ás duas por trez, sentindo-se como vulgarmente se diz com o rei na barriga, é muito capaz de chegar á extrema manifestação do seu affecto dando uma pançada na barriga do rei...



Como demonstração viva das theorias que brevemente venho de explanar teve vossa alteza ainda ha pouco aquelle caso passado na estação do caminho de ferro de Cintra, onde varias pessoas se julgaram com o direito de ficar banzando—e vieram banzar para os

jornaes—só porque vossa alteza, fundando-se n'um motivo qualquer, se recusou a dar-lhes logar no comboio expresso que havia pago com o seu dinheiro!

Qualquer simples mortal que vá de carreira no omnibus do Lumiar, se algum importuno saltar á trazeira do carro, grita logo «lá vae um!» para que o cocheiro sacuda o impertinente á chicotada.

A vossa alteza até já negam o direito de gritar «lá vae um!» quando mesmo, em vez d'um simples logar no carro, tenha exportulado o preço da carreira por completo!

— Tudo resultados perniciosos do systema adoptado por vossa alteza na conquista da popularidade...

Se vossa alteza quer um conselho de quem não tem carta do dito — e que por isso mesmo lh'o dá — deixe-se de adquirir popularidade, enquanto isso não fór obra feita, conjunctamente com as barbas, á venda no estabelecimento do mestre escama.

Pan-Tarantula



Lulu

(Explicação do conto publicado no ultimo numero)

Zé Procopio da Pança Roliça,
Com a esposa querida e a prole,
Foi um dia na volta da missa
Apanhar pelos campos o sol.

O Lulu com as manas ladinas,
Botões roseos do mais roseo abril,
Saltitava na frente, tranquinas,
Quaes são todos na quadra infantil.

Eis, que chegam ao pé d'um riacho,
Que acessivel passagem não tem;
Zé Procopio exclama — «diacho,
Como havemos de nós passar bem?»

O Lulu guincha então — «Papásinho,
Bella ideia lhe vou mostrar já;
Vão passar sem molhar o pésinho,
Manasinhas, mamã e papá.

Um espanto idiota, macanjo,
Se lhes pinta na fonte e no labio;
A mamã diz — Lulu é um anjo,
Diz o paé — O Lulu é um sabio!

Entretanto o Lulu, apressado,
Vae correndo a um proximo sexmo,
E de lá vem então ajoujado
O'uma pedra maior que elle mesmo.

O seu fim era bom; — collocar
Bem no meio o penedo, e então
Assim todos poderem passar
Sem molharem sequer um tacão.

Mas a pedra ao lançar no ribeiro,
Uma força empregou de tal modo
Que cahindo no fundo lameiro,
Salpicou paes e manas de lodo.

Lá ao démo o Procopio escanado
A lembrança do doudo petiz,
Ao sentir-se de todo molhado
E de lama coberto o nariz!

Encharcado o penante, onde out'ora
Creação já fizera uma poupa!
Chora a Micas, lili tambem chora,
Grita a 'sposa co'as vestes em sópa.

Zé Procopio furioso, sem tino,
Esquecendo o amor paternal,
Corre apoz o velhaco molfo
Para dar-lhe uma sova real.

Pilha o pobre Lulu, que, fugindo,
Vae soltando sonoro berreiro:
Mas Procopio escorrega, cahindo,
Qual um sapo no sujo ribeiro!

Lá vão todos em agua escorrendo
Para casa, d'um misero modo,
Maldizendo o azar, e par'cendo
Terem vindo d'um banho de lodo!

Moralidade

Adequado é aqui com acerto
Verdadeiro e já velho dictado:
— «Quem se fia em rapazes, decerto
Quasi sempre apparece... enganado.

VESPÃO.



Ⓢ Raio

Saiu o numero programma d'um semanario com aquelle titulo. Declara-se intransigente, como convem á pessoa d'um raio que vem com as suas fumaças de partir metade da humanidade e assombrar os outros cincoenta por cento.

Tremam os que estão em condições de lhe cair o Raio em casa!

Pela parte que nos toca vamos já d'aqui ao Albino José Baptista, para que nos ponha um para-raios na ponteira do chapéu de sol.

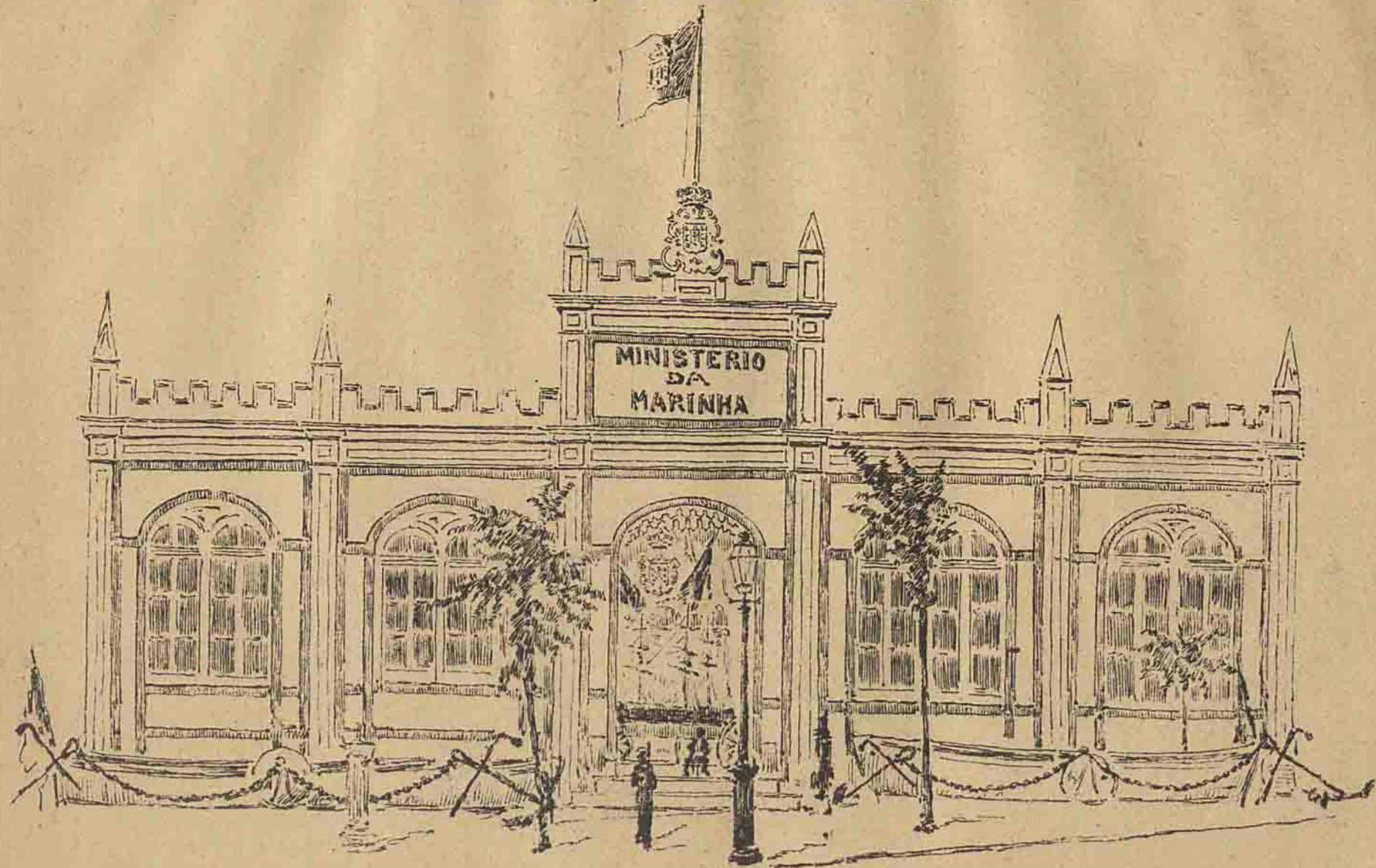
CANÇONETAS E MONOLOGOS

DE

Pan-Tarantula

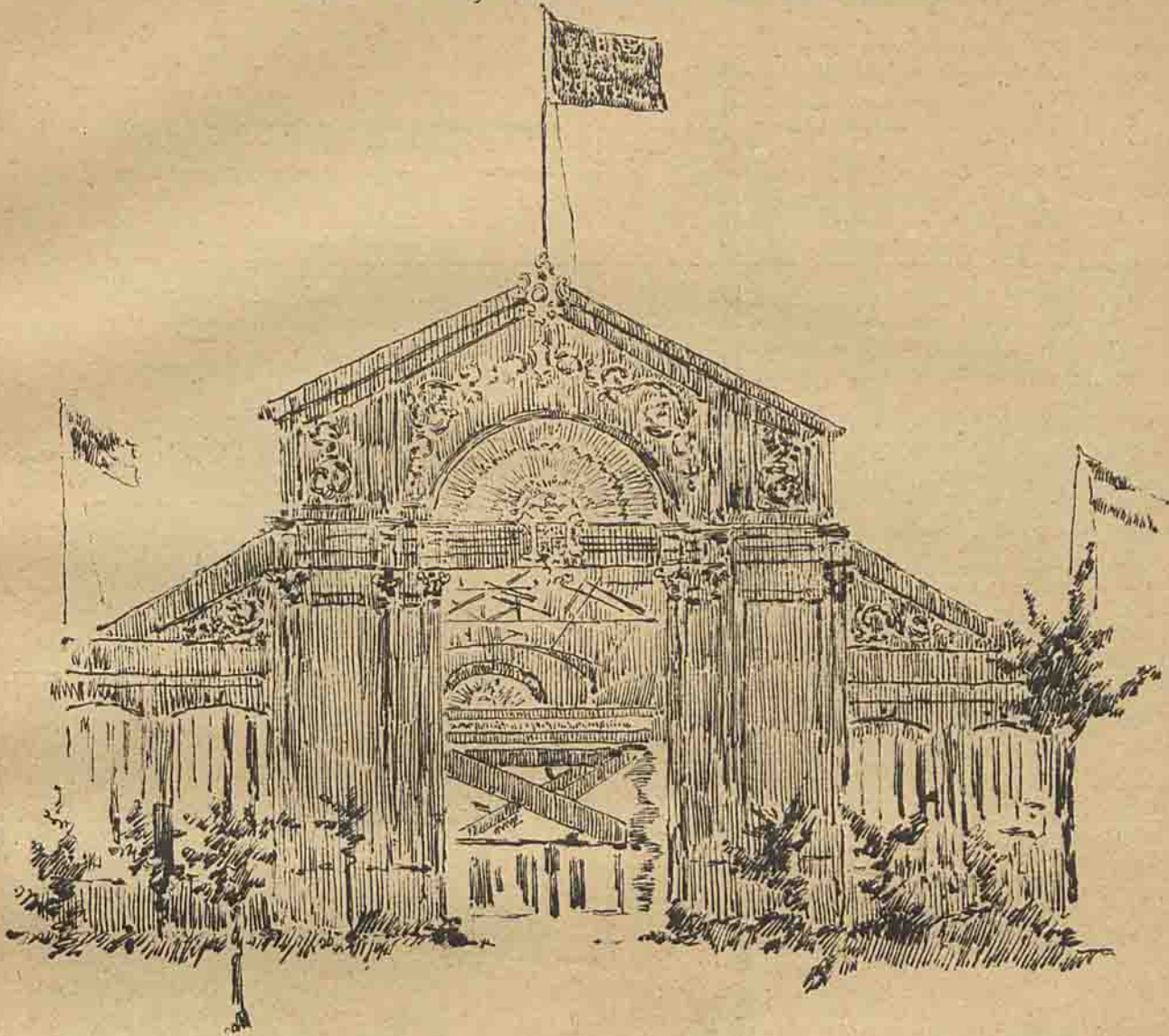
2.ª edição. — Veja-se o annuncio na capá.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL



PAVILHÃO DO MINISTERIO DA MARINHA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL



Annexo de ferro da Empreza Industrial Portugueza, a Santo Amaro.



Vaso feito pelo sr. João Machado, de Coimbra, um artista de muito merecimento.



Instalação da fabrica *Progresso Nacional*, de refinação e chrystalisação d'assucar, de José Rodrigues Mendes, successores, na calçada de Santos, 25 a 35.

Ainda não deu...

De Pedroços no curto arrabalde
—Que é agora o lugar onde abanco—
Ha seis dias que espero debalde
Ter noticias do conde de Franco!

Quando a argola da porta se agita
E a creada, correndo, responde,
Julgo eu logo, e a meu peito palpita:
—Chega enfim o presente do conde!

Mas em vez d'um brilhante—ó cubiça!—
Que pesasse alguns trinta quilates,
Vejo á porta a mulher da hortaliça,
Pretendendo impingir-me os tomates!

Aos vizinhos da rua, aos distantes,
Aos banheiros da praia e mais gente,
Eu pergunto, em perguntas constantes,
Se já viram *passar o presente*.

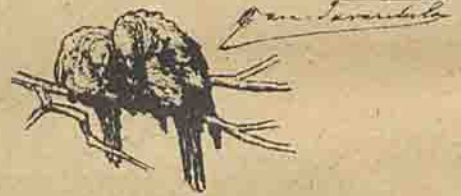
E essa gente responde a meu rogo:
—Não passou tal presente, asseguro!
Talvez passe o presente mais logo,
Se o presente é *presente... futuro...*

—Só se o conde— me disse alguém já—
A quem versos tão bons fez você,
O soberbo presente não dá,
Sem saber que presente lhe dê...

(No Pacheco Marçal, ao Loreto,
Mesmo ao pé do Jasmim dos papeis,
Ha presente p'lo qual me derreto...
—Custa só cento e trinta mil reis...)

.....
Eu por mim desconfio que o presente
Ha de o conde mandar-me—e supino—
Mas no dia em que á luz juntamente,
Der enfim o robusto menino...

Sendo assim, desde já me declara
A parteira Ermelinda Menezes,
Que se o conde chamar o Ravara
E' questão p'ra trinta annos—e mezes!...



Casos, tipos e costumes

O cumprimenteiro



—Ceus! a mulher do Sarmento,
Toda fina, aparaltada!
Vou fazer-lhe um cumprimento;

...Ser cortez não custa nada...
E eu então, que gimbros e rento
Em questões de barretada...



Pé atrás, outro a diante,
Mão esquerda na barriga
E a direita muito ávante
Co'o chapeu, de forma antiga,
Mas tão lustroso, o penante,
Que não ha quem tal o diga...

Depois, com fundo recato,
Ora recua, ora avança,
—N'um tremendo espalhafato
Que atordoa a visinhança—
Dando geitos ao sapato
Em continuo pé de dança



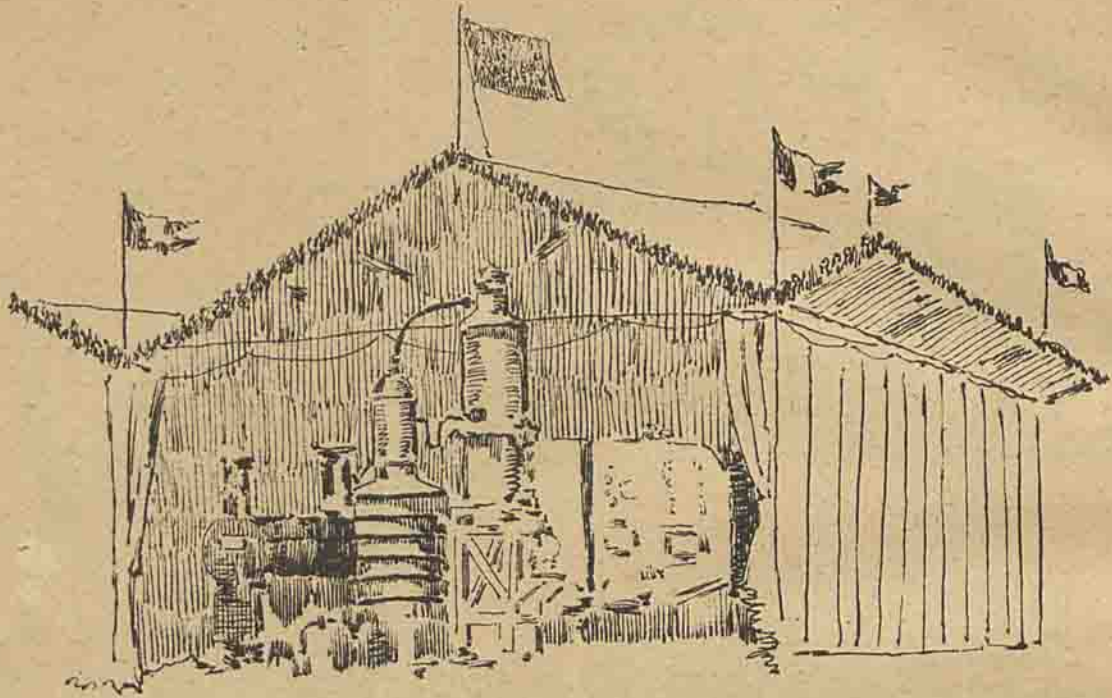
Té que enfim, pondo um dos pés
N'uma casca de melão,
Em baloiços, nove ou dez,
O equilibrio perde então
E termina os rapapés
De trombas no mei' do chão.

Deitado na dura cama
Inda assim não perde o alento
E, jocosos, diz p'ra dama,
Ao comprido, e muito attento:
—Isto assim é que se chama
Verdadeiro *cumprimento*!...

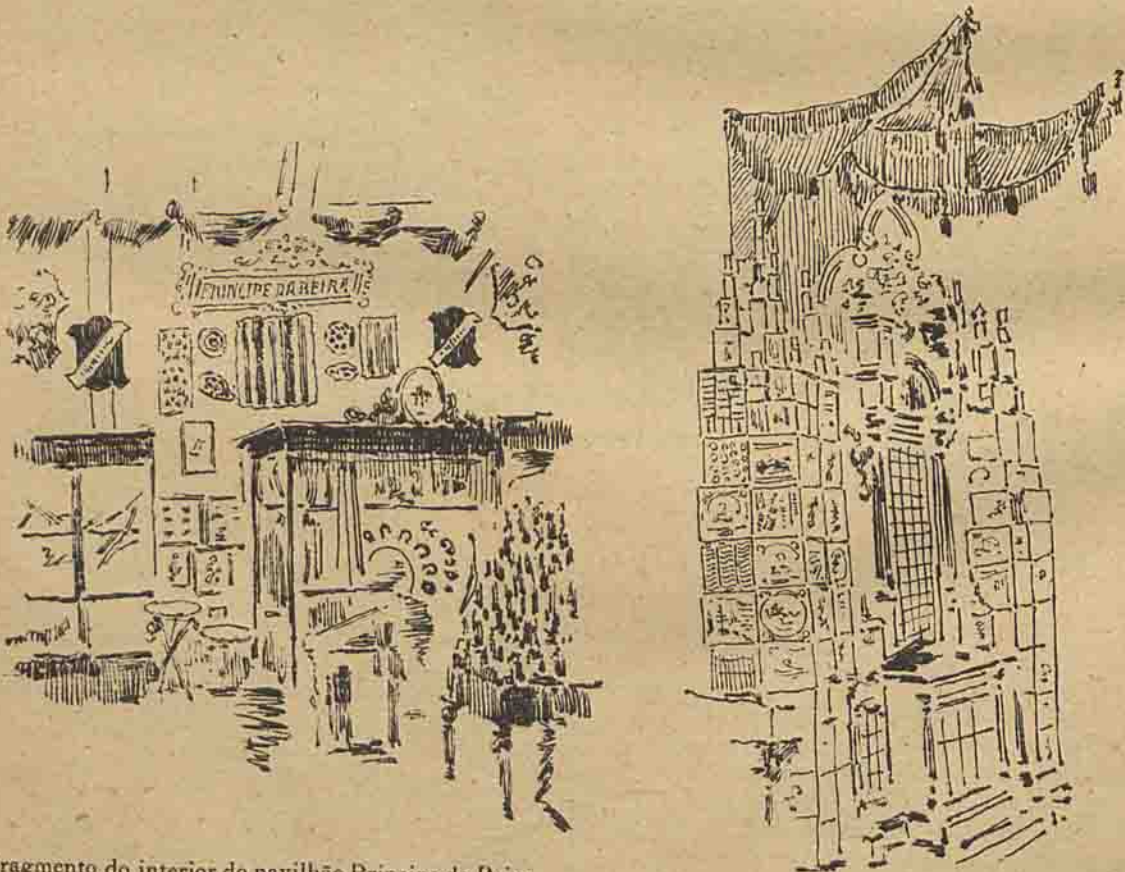


Augusto Bordallo Pinheiro

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL



Instalação da magnífica serralheria de Dauphiné e Castay, a Santo Amaro.



Fragmento do interior do pavilhão Príncipe da Beira

Instalação da fabrica de bolacha de Eduardo da Conceição e Silva, a cuja amabilidade devemos saborear agora ao chá as magnificas bolachas *Imprensa e Exposição*.